

6

Considerações Finais

“No século passado, ainda em seus primeiros estágios, o processo de industrialização levou as pessoas a morarem sozinhas em grandes cidades e alterou profundamente os modos de viver. Toda essa mudança teve, como uma das suas conseqüências, o surgimento do casamento por amor para substituir a tradicional união contratual que tinha ganhos financeiros, políticos, etc como finalidade. Naquela época, muitos devem ter achado que aquilo era irrelevante ou loucura. Mas o casamento por amor, hoje, sabemos, sobreviveu. Sobreviverão agora os relacionamentos [virtuais] que invertem a tradicional seqüência de etapas que tem início nas aparências, na posição social, no círculo de amizades, etc?” (Nicolaci-Da-Costa, 1998, p. 253)

Este capítulo tem como objetivo recapitular as principais conclusões do presente trabalho, bem como propor novas possibilidades de pesquisas a serem realizadas. Primeiramente, reapresento de forma sucinta 3 (três) momentos na história que foram capazes de provocar profundas alterações nos relacionamentos amorosos, discutidos no primeiro capítulo.

Foi visto que aproximadamente nos séculos XVIII e XIX, no Ocidente, as exigências e os ideais do amor romântico foram se espalhando na sociedade e possibilitaram que os casamentos com bases socioeconômicas fossem sendo substituídos pelos casamentos por amor. Homens e mulheres, finalmente, começaram a conjugar seus sentimentos amorosos as suas uniões matrimoniais. Assim, o parceiro ideal passava a ser aquele pelo qual se sentia amor e não mais aquele que detinha patrimônios ou riquezas a serem intercambiadas.

A possibilidade da escolha do parceiro ditada pelo amor necessitou que homens e mulheres arrumassem formas de conhecê-los e buscá-los. No Brasil, Azevedo (1981, 1986) chamou o momento de procura e eleição do futuro cônjuge de “*namoro à antiga*”. Nele, homens e mulheres freqüentavam diversos locais nos quais flertavam e utilizavam manuais de namoro – que informavam as boas maneiras de se aproximar dos possíveis parceiros bem como informavam vários códigos para que eles se comunicassem à distância.

O segundo momento diz respeito às décadas de 1960 e 1970, nas quais ocorreu a revolução sexual. As principais causas apontadas para essa revolução foram: o surgimento de métodos anticoncepcionais eficientes, a eclosão dos movimentos feministas e a diminuição da religiosidade. Todas essas causas estão ligadas umas as outras e, também, contribuíram para profundas alterações nos relacionamentos amorosos.

A pílula anticoncepcional proporcionou às mulheres a separação do sexo da gravidez possibilitando que elas passassem a ter relações sexuais sem o temor da gravidez indesejada. Assim, o sexo pelo sexo e o sexo pré-matrimonial começaram a ser muito mais freqüentes. Concomitantemente, os movimentos feministas questionavam os papéis e lugares das mulheres na sociedade e, ainda, sua sexualidade. Assim, as mulheres passaram a desejar e a exigir relacionamentos sexuais prazerosos. Naquela época, encaixava-se no perfil ideal de parceiro amoroso aquele que conseguisse despertar o amor, a atração física e que ainda conseguisse proporcionar relações sexuais prazerosas. A busca por parceiros conservava a prática do “namoro à antiga”, na qual homens e mulheres freqüentavam determinados locais para conhecer e flertar com possíveis pretendentes. Alguns exemplos desses locais são: as universidades, os colégios mistos, as discotecas, as praias, etc.

O último e terceiro momento estudado foi o advento da Internet. Esta comporta diversos *chats* nos quais seus usuários se relacionam e se comunicam. Algumas das relações iniciadas neles se transformam em relacionamentos amorosos. Assim, muitos de seus usuários passaram a utilizar os *chats* como pontos de azaração virtual. Tempos depois, surgiram os *sites* de relacionamento que proporcionam um espaço virtual específico para a procura por parceiros amorosos. Assim, homens e mulheres da contemporaneidade podem procurar por parceiros tanto nos velhos e conhecidos ambientes do mundo “real” bem como no ciberespaço.

Por meio da análise desses três momentos, chega-se a uma conclusão. Algumas transformações que ocorrem na sociedade podem gerar grandes alterações na experiência amorosa como um todo: no amor, no sexo, no casamento, no ideal de parceiro amoroso desejado e, ainda, nas formas de buscá-lo.

Gostaria, agora, de discutir um pouco da epígrafe que iniciou o presente capítulo. Como nela se vê, há oito anos atrás, Nicolaci-Da-Costa questionava se os relacionamentos virtuais – tão recentes naquela época – iriam permanecer no futuro. Hoje, encerrando o ano de 2004, é um fato que eles permaneceram e ousou dizer que ainda perdurarão por muito tempo.

Ao longo desse período, entretanto, muito se modificou em relação a esses tipos de relacionamentos. Nos primórdios da Internet, muitos usuários passavam horas de seus dias conectados se comunicando e se relacionando com pessoas que jamais tinham visto, se apaixonando por aqueles que jamais tinham tocado ou beijado, fazendo amizades com desconhecidos. Alguns desses relacionamentos se desenvolviam e se desfaziam no próprio ciberespaço; outros migravam para o mundo “real”. O discurso da mídia (e até de muitos estudiosos do tema), naquela época, alardeavam que esses usuários eram pessoas incapazes de estabelecer vínculos emocionais ou afetivos no mundo “real”, por serem tímidas, retraídas, anti- sociais, etc. Afirmavam, ainda, que a Internet afastaria as pessoas e que os contatos face-a-face iam diminuir e/ ou iam se extinguir.

Nada disso aconteceu até hoje. Decorridos quase 10 anos do advento da Internet e os contatos feitos nela, os encontros face-a-face sobreviveram. Não obstante, o discurso da mídia foi-se alterando ao longo do tempo. Destaco, aqui, um trecho da reportagem da revista *Veja*, intitulada “*Tecla comigo vai: Por que milhões de brasileiros resolveram procurar um romance pela Internet*”: “*A Internet deixou de ser refúgio para quem sempre teve problemas amorosos para se tornar uma eficiente ferramenta mesmo para quem nunca encontrou dificuldade em arrumar namoro.*” (Pinheiro, 2003)

O trecho acima deixa clara a modificação do modo que a mídia encarava os usuários que utilizavam a Internet para estabelecerem relacionamentos amorosos. A reportagem foi em meados de 2002, momento no qual, o número de cadastrados em *sites* de relacionamento crescia de forma impressionante.

Com o número de usuários crescendo a cada dia, era importante descobrirmos os motivos pelos quais homens e mulheres da contemporaneidade estavam fazendo uso desses sites. Para tal, o presente trabalho realizou uma pesquisa de campo com os usuários do site Par Perfeito. Foram entrevistados 16 usuários que tinham as seguintes características: pagavam para frequentar o Par Perfeito há pelo menos um mês, tinham entre 22 e 25 anos, eram solteiros,

heterossexuais e moradores do Rio de Janeiro. As entrevistas foram submetidas às técnicas de Análise de Discurso propostas por Nicolaci-da-Costa (1989, 1989a, 1994).

Quanto aos resultados obtidos, resumidamente, pode-se dizer que o grupo de entrevistados utiliza o Par Perfeito como forma de procurar parceiros amorosos, com os quais desejam se relacionar no mundo “real”. Assim, concluímos que para esses usuários o *site* é um local de passagem, pois lá fazem os primeiros contatos uns com os outros, e na maior parte das vezes, vão se relacionar no mundo “real”.

A principal característica que os entrevistados exigem de seus possíveis pretendentes é que eles sejam fisicamente atraentes, por isso só se comunicam com usuários que tenham fotos. Desse modo, a aparência física passou a ser muito importante para o estabelecimento de um relacionamento na Internet.

Apesar de os entrevistados utilizarem o *site* quase todos os dias da semana não deixaram de freqüentar determinados locais fora da Internet propícios para conhecer novas pessoas e para paquerar – como, por exemplo, bares, festas e discotecas – . Assim sendo, os entrevistados consideram o *site* como mais uma alternativa para a procura de parceiro, visto que não descartam as antigas formas de aproximação no mundo “real”.

Embora os entrevistados busquem pessoas para se relacionarem amorosamente, isso não significa necessariamente que eles desejem relações sérias e duradouras. Esses somente aconteceriam caso os usuários encontrassem um(a) parceiro (a) que lhes agradassem de fato nos encontros face-a-face.

O discurso do *site*, qual seja, o de proporcionar aos usuários conhecer seus pares compatíveis, seus “pares perfeitos”, suas “almas gêmeas”, por meio de buscas por afinidade ou pelo serviço de *match* do *site*, parece não ser o que instiga os usuários a usar o *site*, uma vez que eles pouco utilizam tais serviços.

Aquilo que realmente os fascina é a possibilidade de entrar em contato com um número enorme de pessoas rapidamente, em suas casas, todos os dias, em qualquer horário. Eles acreditam, também, que a grande quantidade de usuários cadastrados significa uma maior possibilidade de encontrar um(a) parceiro (a) de “qualidade”.

Ademais, os entrevistados sentem-se mais seguros ao abordar seus possíveis parceiros, pois crêem que, dentro do *site*, se aproximar de possíveis pretendentes é

mais fácil, pois pressupõem que as pessoas que estão inscritas nesse site estão predispostas a estabelecer um relacionamento amoroso. Os entrevistados também relataram que tomar um “fora” via Internet é menos doloroso do que em um encontro face-a-face.

Com porte desses resultados, pode-se dizer que já conhecemos mais profundamente essa nova alternativa de busca de parceiros amorosos e seus adeptos. Não se pode, contudo, generalizar os resultados obtidos para todos os dois milhões e meio de usuários brasileiros cadastrados no Par Perfeito, nem tampouco sobre os usuários de outros *sites* similares. Isso porque nos *sites* de relacionamento existem também pessoas com características dos entrevistados. Em outras palavras, encontramos usuários das mais diferentes idades, estados civis, moradores de diversas cidades do Brasil e do mundo. Conseqüentemente, ainda há muito que se investigar sobre os usuários dos *sites* de relacionamento. Permito-me, agora livremente, deixar algumas perguntas acerca dos usuários, cujo perfil difere daqueles que foram entrevistados.

O que desejam usuários que já têm um relacionamento estável no mundo “real”? Desejam apenas conhecer pessoas para relacionamentos interpessoais não amorosos? Desejam uma relação amorosa que fique restrita ao ciberespaço? Buscam casos extraconjugais para serem vividos fora da Rede?

Usuários com uma maior faixa etária vêm o *site* como mais uma forma de conhecer pessoas ou como a única forma? Essa questão se coloca, pois pessoas mais velhas costumam reclamar da falta de lugares propícios e interessantes para paquerar.

Habitantes de grandes cidades (como os nossos entrevistados) e de cidades menores interioranas usam o *site* da mesma forma? Faço essa pergunta, pois uma entrevistada- piloto que morava em uma cidade interiorana do Rio de Janeiro dizia utilizar o site, pois sua cidade tinha poucos habitantes e por isso era difícil encontrar alguém que lhe interessasse.

Será que existem muitos internautas que usam os *sites* buscando estabelecer relações que se desenvolvam e permaneçam na Rede, sem qualquer objetivo de torná-las “reais”? Se a resposta a essa pergunta for positiva, seria interessante investigar quais os motivos, as vantagens e as desvantagens de manter um relacionamento no mundo virtual.

Para finalizar, deixo aqui uma questão: será que os *sites* de relacionamento permanecerão como uma forma de procura de parceiros amorosos ao longo do tempo? A resposta a essa pergunta não tenho como fornecer, mas o futuro se encarregará de respondê-la. Tenho, no entanto, apenas uma certeza: a experiência amorosa como um todo foi, está sendo e ainda será muito transformada pela Internet. Dessa forma, há ainda muito o que se investigar sobre os impactos dessa tecnologia nos relacionamentos amorosos. Espero que esse trabalho tenha contribuído para refletir sobre um deles: as novas formas virtuais de busca de parceiros amorosos na atualidade.